

O nordestino, a usina e a cidade: trabalho e migração na região do “mar de cana” (1980-2010)

BRUNO CÉSAR PEREIRA*

Resumo: O presente texto propõe realizar uma reflexão acerca da migração nordestina para a região do mar de cana, região metropolitana de Ribeirão Preto, em especial, dedicaremos atenção aos migrantes no município de Orlândia. Em um primeiro momento, buscaremos contextualizar o processo histórico de desenvolvimento econômico desta região a partir ampliação do complexo canavieiro nas últimas três décadas do século XX. Em sequência, a partir das narrativas dos migrantes, utilizando-se da metodologia da História Oral, buscaremos analisar e problematizar aspectos acerca do trabalho nos canaviais, as relações de tensão entre trabalhadores e empreiteiros, o corte da cana e suas implicações à saúde dos cortadores (física e mental), assim como daremos atenção aos aspectos do cotidiano migrante fora dos canaviais (residências).

Palavras-chave: Migração Nordestina; Cana de açúcar; Trabalho.

The northeastern, the power plants and the city: work and migration in the “sea of cane” region (1980-2010)

Abstract: This text proposes to carry out a reflection on the northeastern migration to the cane sea region, metropolitan region of Ribeirão Preto, in particular, we will dedicate attention to migrants in the municipality of Orlândia. At first, we will seek to contextualize the historical process of economic development in this region, starting with the expansion of the sugarcane complex in the last three decades of the 20th century. In sequence, from the migrants' narratives, using the Oral History methodology, we will seek to analyze and problematize aspects about the work in the cane fields, the tension relations between workers and contractors, the cutting of the cane and its implications for the health of the cutters (physical and mental), as well as we will give attention to aspects of the migrant daily life outside the cane fields (residences).

Key words: Northeastern migration; Sugar cane; Job.



* **BRUNO CÉSAR PEREIRA** é graduado em História pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná, Campus Irati e mestrando pelo Programa de Pós Graduação em História da mesma Instituição. Bolsista CAPES (2020-2021).



O cotidiano do boia-fria (Foto de: Daniella Rosário) - Fonte: ARIOCH, 2010.

Introdução

Existe uma razoável produção científica que aborda a questão da migração nordestina no Brasil. Na História, Geografia, Sociologia e Antropologia, avolumou-se a preocupação com a discussão e compreensão deste fenômeno a partir de diferentes abordagens teóricas.

Este fenômeno histórico, a migração nordestina, como é discutido pelos sociólogos Wilson Fusco e Ricardo Ojima (2015), ocorreu ao longo de vários momentos nos últimos séculos (XIX, XX e XXI). Como pode ser observado, a partir das análises destes pesquisadores, estes migrantes se deslocaram para todas as regiões do Brasil, contudo a migração para a região Sudeste, em especial para o Estado de São Paulo, merece destaque, devido a quantidade de sujeitos que passaram a viver neste Estado.

Ao longo deste estudo, daremos atenção a migração nordestina para o chamado mar

de cana, nordeste do Estado de São Paulo, que corresponde a cidade de Ribeirão Preto e sua região metropolitana. Sobretudo, o foco deste estudo se concentrará na migração para o município de Orlândia.

Esta investigação a qual apresentaremos, corresponde a parte de uma dissertação de mestrado em História. Ela utiliza-se das metodologias da História Oral, partindo dos pressupostos teórico-metodológicos de Alessandro Portelli (1996/1997/2016).

Partindo da proposta deste pesquisador, observamos as narrativas orais enquanto lembranças, lembranças seletivas dos sujeitos entrevistados, neste sentido esta fonte não corresponde a uma narrativa contemporânea aos fatos. Da mesma forma, tais narrativas mesmo sendo consideradas enquanto individuais, estas encontram-se entrelaçadas a questões mais amplas, ou seja, o falar sobre si, acaba por envolver outros sujeitos, outras

trajetórias, bem como, destacam contextos mais amplos que o seu dia a dia ou sua experiência. Partindo de Portelli, e buscando destacar isto em nosso estudo, buscaremos evidenciar que a memória destes sujeitos (individual), evidenciada através de sua narrativa, também pode ser compreendida enquanto uma memória social. que está dentro de um quadro de referências dos indivíduos que estão narrando as suas histórias.

As entrevistas aqui, utilizadas como fontes/narrativas, foram coletadas entre os meses de dezembro de 2019 e março de 2020, elas tratam sobre as trajetórias de vida de migrantes nordestinos que vivem ou viveram na cidade de Orlandia, em especial em sua periferia (Zona Leste orlandina).

Assim, partindo de perspectiva de Portelli (1996/1997/2016), buscaremos, ao longo deste texto, dar destaque às vivências e as interpretações destes migrantes sobre as questões que envolvem sua trajetória, seja com o trabalho no canavial, seu cotidiano, assim como a relação dual entre o lucro gerado pelo trabalho nos canaviais e suas implicações à saúde. Observaremos, a partir das narrativas destes sujeitos que suas trajetórias de se aproximam, relacionam e se entrelaçam com questões mais amplas.

Dividiremos este estudo em três seções, ou tópicos, sendo o primeiro uma reflexão acerca dos processos migratórios nordestinos para o Estado de São Paulo. Neste primeiro tópico apresentaremos alguns estudos que tem contribuído para compreender, principalmente, as motivações que levaram milhões de sujeitos a migrarem de sua região natal para o Sudeste brasileiro.

No segundo tópico deste estudo, concentraremos nossa atenção sobre um estudo de caso. Discutiremos especificamente a migração na cidade de

Orlandia. Daremos atenção, neste tópico, aos aspectos acerca do trabalho nos canaviais, as relações de tensão entre trabalhadores e empreiteiros, o corte da cana e suas implicações à saúde dos cortadores, assim como daremos atenção a questões como o cotidiano migrante fora dos canaviais, sobretudo, destacando os locais de moradia destes sujeitos, suas residências.

Por fim, em nossas considerações finais, realizaremos um balanço geral de nossa reflexão, atentando-se que este estudo pode ser considerado enquanto exploratório, pois, ainda existe um longo caminho a ser trilhado, sobretudo os estudos historiográficos, sobre as questões expostas aqui.

O “mar de cana”

Ao longo do século XX, centenas de milhares de nordestinos dirigiram-se ao Estado de São Paulo. Como nos evidencia Paulo Roberto Fontes (2002), a maioria dos migrantes teve com destino a capital e região metropolitana de São Paulo. Sobretudo, estes migrantes seriam atraídos para esta parte do país, devido as campanhas realizadas pelo governo paulista e empresários.

Contudo, este cenário mudaria a partir da década de 1970. A partir desta década, o interior paulista passaria a receber a maioria dos migrantes oriundos da região Nordeste. Isto ocorreria porque o interior paulista passou a se caracterizar como importante polo econômico e, desta forma, se tornou uma área de atração populacional, principalmente de migrantes nordestinos.

Partindo das análises de Rosana Baeninger (2002), ao debater acerca do contexto dos movimentos migratórios interestaduais para o Estado de São Paulo, na década de 1970, a pesquisadora identifica que, a atração de migrantes para o interior paulista, desenvolveu-se,

sobretudo, devido a desconcentração industrial da região metropolitana da capital e a instalação de novas (e o desenvolvimento das antigas) indústrias na região interiorana. Este movimento ("interiorização do desenvolvimento") ocorreria nas

[...] áreas mais dinâmicas [...] em função dos seguintes fatores: implantação de refinarias de petróleo nas regiões de Campinas e de São José dos Campos e consolidação do principal pólo petroquímico do país na região Litoral; implementação do PROÁLCOOL [Programa Nacional do Álcool], com maiores reflexos nas regiões de Campinas e Ribeirão Preto; implantação dos institutos de pesquisa e de grandes plantas dos setores eletrônicos, de informática e de telecomunicações na região de Campinas; implantação do complexo aeronáutico e militar no Vale do Paraíba (BAENIGER, 2002, p. 121).

Baeninger (2002) ainda destaca que, com a pavimentação das principais rodovias que ligavam a capital ao interior (e a outros estados) – como a Via Anhanguera – facilitou o desenvolvimento e o processo de migração para a região interiorana do estado.

São Paulo, nas décadas seguintes (1980-2000), ainda foi o principal Estado de destino de migrantes nordestinos e, se tratando do interior paulista, mais especificamente da região metropolitana de Ribeirão Preto, recebeu milhares de migrantes, especialmente a partir da década de 1980 devido à alta demanda de mão-de-obra para o trabalho na cana de açúcar.

André de Mello Galiano (2010) destaca, que a partir da crise energética de 1973, o preço do petróleo se elevou no mercado internacional, e partir disto, a produção de álcool foi estimulada pelo governo

brasileiro, chegando a criar o chamado PROÁLCOOL em 1975¹.

Galiano (2010, p. 27), destaca que, "para atender à expansão da produção, o setor canavieiro do Estado de São Paulo, [usineiros] atrairiam trabalhadores da região Nordeste do Brasil, do Norte do Paraná e do Vale do Jequitinhonha [...]". Na década de 1990, a maioria dos trabalhadores nos canaviais da região metropolitana de Ribeirão Preto, eram de origem nordestina e possuíam como característica marcante serem "volantes", ou seja, partiam de sua cidade natal no Nordeste, para trabalhar no corte da cana no Estado de São Paulo, ao finalizarem a safra (período de colheita) regressavam às suas cidades de origem, estes migrantes fixavam moradia nas cidades paulistas apenas no período que estavam trabalhando na colheita da cana.

Maria Aparecida de Moraes Silva (2005, p. 4), ao analisar o Complexo Agroindustrial Canavieiro da região de Ribeirão Preto – a qual engloba vinte e cinco municípios – destacou que "tal região em meados dos anos 2000, era responsável por cerca de 30% de toda produção de álcool e açúcar brasileiro", ao todo, a região canavieira possuía uma área de 384.758 hectares de cana-de-açúcar. "Em 2004, em entrevista ao jornal paulista Folha de São Paulo, o então governador do Estado Geraldo Alckmin, se referiu a esta região como um 'mar de cana', que produzia diariamente um 'rio de álcool'" (SILVA, 2005, p. 4-5).

Em dados mais atualizados, coletados pela pesquisadora Ana Luiza dos Santos

¹ O Proálcool, de maneira geral, consistia no oferecimento, por parte do governo brasileiro, de incentivos fiscais e empréstimos bancários com juros abaixo da taxa de mercado para os produtores de cana de açúcar adquirirem novas terras para o plantio e novas tecnologias. Ver: Galiano (2010).

Costa (2011), a região de Ribeirão Preto no ano de 2010 possuía aproximadamente 1.265.617 hectares, três vezes mais que no início dos anos 2000. Contudo, mesmo com o aumento em hectares, esta região, em 2010, passou a corresponder apenas a 20% da produção nacional, isto se efetivou, devido ao aumento e ampliação de plantações de cana de açúcar em outras regiões do país

A colheita da cana de açúcar, como já explicitado, atrairia centenas de milhares de migrantes nordestinos, e um dos municípios da região do “mar de cana” que receberia tais migrantes seria Orlândia (localizada a 56 km da cidade de Ribeirão Preto).

Estes migrantes, em Orlândia, passariam a compor o cotidiano deste município desde o final da década de 1970. Em um primeiro momento, os migrantes nordestinos, do fluxo migratório de 1980-2010 – objeto deste estudo –, caracterizavam-se como volantes, mas, com o tempo, muitos fixaram residência, e passaram a viver em Orlândia, para além dos meses de duração da safra. Estes sujeitos, passaram a desenvolver outras atividades empregatícias, como a construção civil, extração da palha para confecção de cigarros artesanais, bem como atuaram ao longo das colheitas de café, algodão, amendoim e laranja.

São estes migrantes, os que ficaram, que nos concederam entrevistas para a realização deste estudo. Partindo de suas narrativas, poderemos compreender as complexas relações do trabalho no canavial e suas implicações na saúde em suas trajetórias de vida.

“A cana dá, mas ela também tira”: consideração acerca das experiências de migrantes nordestinos nos canaviais do mar de cana

A relação, migração-trabalho, se tratando do trabalho com a cana de açúcar, marca

as trajetórias e narrativas de migrantes que optaram por ficar na cidade de Orlândia. Partindo disto, buscaremos aqui, explorar questões como o trabalho no canavial, a dualidade da relação perda e lucro trazido pelo corte da cana e também dedicaremos parte de nossas discussões as questões que envolvem as residências nas quais estes migrantes moravam em Orlândia.

Ao longo das últimas décadas, se avolumou o número de trabalhos que discutem sobre saúde e exploração do trabalho de migrantes nos canaviais paulistas². Estas investigações, em sua maioria, apontam para a falta, ou melhor, a inexistência de políticas públicas de atenção social, de saúde e de saúde mental para os cortadores de cana.³

Teodoro Rogério Júnior (2016), em seu livro *A gente leva o dinheiro, mas fica o couro*, realiza uma longa reflexão acerca da experiência de cortadores do município piauiense de Elesbão Veloso na região do “mar de cana”. Em suas discussões, o pesquisador investiga: as motivações para migrar, as cidades escolhidas, as moradias, a saúde dos trabalhadores, as pressões pela produtividade, o uso do dinheiro ganho no corte da cana e as atividades desenvolvidas após o término da safra.

Especificamente sobre a relação trabalho e saúde dos migrantes, Rogério Júnior (2016) destaca que o trabalho nos canaviais provocava:

² Cita-se os estudos sobre esta temática, a partir do mapeamento realizado por Dirce de Abreu et al (2006) e Galiano et al (2012), os estudos de: ALESSI; SCOPINHO, 1994; NOVAES; ALVES, 2007; SILVA, 2006; ALVES, 2009.

³ Especificamente sobre este ponto, a falta de políticas públicas de atenção social, de saúde e de saúde mental, consultar as reflexões de Maria Silvia de Moraes e Roseana Mara Aredes Priuli (2011)

[...] inúmeras doenças de ordem tanto física quanto biopsíquica. No primeiro caso, a agressão aos pulmões de trabalhadores, causadas pela fuligem da cana, à coluna vertebral, dentre outras, tornam inúmeros trabalhadores inválidos. No segundo caso, podem referir doenças que configuram padrões de desgaste manifestando-se, por exemplo, em tensão nervosa, úlcera e hipertensão (ROGÉRIO JÚNIOR, 2016, p. 21).

Raimundo Nonato⁴, um dos entrevistados, ao lembrar sobre o trabalho nos canaviais, destaca a exaustão e por muitas vezes comenta que a carga horária ultrapassou às 10 horas de trabalho. Esta exploração, segundo ele, visava, por parte dos patrões, o cumprimento de metas – estabelecidas pelos mesmos patrões.

Olha, muitas vezes, a gente tava socado nesse mundo aí, escurecendo, a gente falava de ir embora, ele [o empregado] falava não enquanto vocês não me der produção não vai embora não, se não queria trabalhar por que não ficou em casa, se não quer o serviço já sabe, a gente era obrigado a trabalhar até no escuro, chegava em casa a mulher preocupada, o que aconteceu? Tinha que produzi, cortar muita cana, já eles [os empregados] estavam no ônibus batendo papo, deixa eles trabalhar’ (RAIMUNDO NONATO, 2020)⁵

A narrativa de Raimundo evidencia que a complexidade do trabalho do corte da cana, relacionava-se ao trabalho-

produção, que acabava por gerar uma exploração desenfreada e danos à saúde destes indivíduos. Os resultados, desta exploração, eram sentidos nos corpos, muitas vezes, de forma imediata, através das câimbras.

Segundo Francisco Alves (2006), em média um trabalhador cortava até doze toneladas de cana de açúcar diariamente, andando uma média de oito quilômetros e realizaria mais e cento e trinta mil golpes de podão (facão utilizado para o corte da cana) e com perda, em média, de oito litros de água, devido ao esforço físico e o forte calor.

A perda de água e sais minerais leva à desidratação e à frequente ocorrência de câimbras, que começam em geral pelas mãos e os pés, avançam pelas pernas, chegando ao tórax, acometendo todo o corpo, causando o que os trabalhadores denominam de 'birola'. Essa câimbra provoca muita dor e paralisia total do trabalhador, semelhante a um ataque nervoso (ALVES, 2006, p. 34).

Manoel Ferreira⁶, nos relata que seu pai, que chegou a Orlândia no final do século XX e trabalhou no corte da cana até meados de 2010, “[...] sempre que chegava do trabalho, chegava muito exausto, com muita câimbra, praticamente todos os dias”. Tays Coelho⁷, outra migrante entrevistada, evidencia que esta mesma situação, a “exaustão”, ocorria com seus tios, que trabalhavam no corte da cana desde o início dos anos 2000.

Raimundo nos esclarece que para aliviar a “birola” (câimbra): “Chegava em casa,

⁴ Raimundo Nonato Pereira Alves, 55 anos, ex-safrista, atualmente operador de empilhadeira, natural de Valença-PI. Entrevista realizada em sua residência, na avenida Y, em 02 de fevereiro de 2020.

⁵ Optamos, partindo da proposta da História Oral, com autorização dos entrevistados, utilizar os seus nomes reais, na busca de dar visibilidade e “rostos” aos migrantes nordestinos. Além disso, não fizemos correções das suas falas.

⁶ Manoel Ferreira, 24 anos, soldador industrial, natural de São João Belmonte-PE. Entrevista realizada em sua residência, em Sales Oliveira (cidade vizinha), em 20 de fevereiro de 2020.

⁷ Tays Coelho de Assis, 24 anos, conferente de mercadorias, natural de Arozes-PI. Entrevista realizada em sua residência (Bairro Jardim Boa Vista), em 14 de março de 2020.

se jogava no chão, deitava no chão frio, cimento, jogava o corpo ali, tirava camisa e tudo e ficava ali deitado, descansar um pouco, o chão frio aliviava”, o entrevistado salienta que tinha que “passar rápido”, porque logo “quando parasse as câimbras tinha que levantar e ir lavar roupa, pra no outro dia tá pronto, lavar e enxugar porque quando pegava o tempo frio, ia trabalhar com a roupa molhada, porque não secava”.

A câimbra, como supracitado, era apenas um dos sintomas imediatos da exploração nos canaviais. Em longo prazo outros problemas apareceriam, como os pulmonares devido a inalação da fuligem, na coluna vertebral por causa da posição do corpo e as várias horas nesta mesma posição, assim como outros problemas com a saúde mental dos trabalhadores, como a ansiedade.

Estes sujeitos, não eram “segurados pela empresa”, ou seja, não possuíam planos de saúde, bem como, da mesma forma, estes possuíam apenas contratos temporários de trabalho, que poderiam ser rescindidos com facilidade. Como salienta Raimundo:

[...] se a gente não ia trabalhar, além de não ganhar o dia, o que gente cortava, corri o risco do empregador lá cortara o nome [demitir], aí já era, tá com dor? Cortou, machucou muito? Eles não ligavam não, o negócio era produção (RAIMUNDO NONATO, 2020).

Para além deste complexo sistema de exploração nos canaviais, Raimundo Nonato, a partir de sua narrativa, destaca que a exploração no canavial se agravava nos alojamentos, pois

[...] não tinha um lugar adequado pra você chegar e descansar, não tinha uma cama boa, não tinha uma alimentação boa, você mão descansava direito, então tudo isso prejudicava a gente, em vários

setores né, se você não tem uma dormida boa. Não tem uma alimentação boa, não temo como descansar o corpo, isso tudo influência né, no outro dia se tinha que sair de madrugada as vezes levantar três ou quatro horas da manhã tinha que tá, tinha que fazer a marmita, a comida, por que tinha local que cinco, seis, oito, dez ali no cômodo, tinha um que fazia a comida pra semana, então aquele era obrigado a levantar mais cedo da cama por que era a semana dele, então tu faz a comida, a semana é tua, então o cara as vezes tinha que levantar duas horas da manhã pra fazer comida pra mais seis ou dez pessoas, por que todos tem que levar marmita, então era esse o jeito, então era desse jeito, aí o cara não descansava não, aquele descanso aquela coisa, chegava lá, pegava um serviço na cana, além de ser um serviço puxado, tinha que chegar a tarde e já lavar a roupa por que não podia deixar suja de um dia para o outro aí já se batia até tarde lavando roupa então ficava, ficava mais cansado ainda, sei lá, mas tinha que trabalhar, tinha que mandar dinheiro para os familiares que estavam pra lá, mas tinha que trabalhar né, tinha que se sujeitar a isso (RAIMUNDO NONATO, 2020).

Em outro momento de sua entrevista, Raimundo recorda que alguns companheiros o relataram na roça (canavial) que no espaço onde estavam morando houve uma infestação de percevejos, e para não piorar tiveram de queimar os colchões que usavam, e acabaram por ter que dormir em redes desde então.

Este relato, evidencia outro problema encontrado pelos safristas (volantes), que remetem aos abusos sofridos por estes trabalhadores. A precariedade com relação as moradias, alojamentos.

Estes safristas, moravam em espaços conjuntos, barracões ou pequenas casas. A partir destes relatos observamos que tais “moradias” alugadas pelos seus recrutadores⁸, não eram ideais, visto que dividiam apenas uma cozinha, um banheiro e possuíam uma pequena lavanderia. Em suas narrativas sobre as moradias, evidenciam que os quartos, ou o quarto – pois na maioria das vezes era apenas um quarto que abrigava dezenas de pessoas –, não possuíam camas, os colchões ficavam no chão e estes, os colchões, em alguns casos estavam em péssimas condições (como destacado em parágrafos acima).

Sobre estas moradias coletivas, Raimundo Nonato se recorda de uma, localizada no bairro Jardim Boa Vista, próxima aos barracões da algodoeira e da Companhia Mogiana de Óleos Vegetais (COMOVE) em meados da década de 1990.

[...] tinha o mercado do Zé Boi, era um barracão, do outro lado da rua era um bar, ele fechou uma parte [do mercado] e alugava para nordestino quando vinha [para a colheita da cana], lá a divisão de uma cama para outra era só um pano, então era vários beliche ou uma caminha, você contava de vinte trinta migrante tudo

⁸ Os chamados “recrutadores”, também conhecidos por outras expressões, como: arregimentadores, atravessadores, *turmeiros* ou *gatos*, eram os sujeitos responsáveis por irem às cidades, geralmente cidades interioranas, dos estados da Paraíba, Pernambuco, Piauí, Maranhão e outros do Nordeste e recrutarem os trabalhadores. Estes indivíduos, no contexto orlandino, além de “formar as turmas”, também seriam responsáveis por alugar as moradias para os safristas, fazer adiantamentos em dinheiro, “dar seu nome” em estabelecimentos comerciais para que os trabalhadores comprassem “fiado”. E geralmente executavam a atividade de empreiteiros, patrões dos trabalhadores nos canaviais, neste espaço, estes patrões traçavam a metas individuais (distribuíam as “ruas” no canavial), anotavam a quantidade cortada.

ali. Ali era só nordestino que morava ali dentro, ali tinha bastante, umas quarenta ou cinquenta pessoa, ali naquela época tinha bastante rede também, que tinha sabe, o pessoal passava muito frio, tio meu, primo meu, teve uns que eu tirei dali de dentro porque eles chegavam, eu já tinha..., assim, eu já morava aqui, as vezes eu chegava lá eu via eles deitado nas rede, naquele frio, eu acolhi muitos deles, tios primos, ali tinha bastante (RAIMUNDO NONATO, 2020).

Estes migrantes eram instalados nesses espaços por seus recrutadores. Havia poucas possibilidades de saídas destes locais. Era necessária a ajuda de um “anjo da guarda”. Estes “anjos”, eram pessoas, migrantes, que já se encontravam estabelecidos na cidade de Orlândia, e por serem conhecidos, ou seja, “terem nomes”, auxiliavam outros migrantes, de maneira geral familiares e amigos, a conseguirem alugar casas.

[...] eles não alugavam, [moradores locais] por que eles tinham medo do nordestino ir embora e não pagar, eles tinham esse preconceito, do nordestino, ‘a eles vai embora e depois vai dá o cano’ entendeu? Mas o nordestino sempre foi positivo ali, porque ele sabia que ele tinha que voltar no outro ano, ele precisava, mas acabava ficando tudo em alojamento (RAIMUNDO NONATO, 2020).

O “não ter nome”, bem como “não ser conhecido na praça”, implicavam para além de questões como ao lugar residências. João Barbosa⁹, ao falar sobre sua ocupação, evidenciou que em sua trajetória em Orlândia, teve dois empregos, o primeiro como cortador de cana e o segundo de pedreiro. Este último

⁹ João Matias Barbosa, 56 anos, ex-safrista, atualmente pedreiro, natural de Bacaber-MA. Entrevista realizada em sua residência, avenida U, em 16 de fevereiro de 2020.

era sua atividade no Maranhão, contudo em Orlândia, “Ninguém conhecia, então ninguém me dava serviço e tive que encarar a cana”.

Ely Souza Estrela (2002), em estudo sobre a migração nordestina na capital paulista, na década de 1950, destacou que, com a instalação em definitivo dos migrantes nos espaços urbanos da capital, estes passariam a desenvolver atividades que estavam ligadas diretamente ao espaço urbano (atividades como a construção civil e atividades domésticas). Segundo a pesquisadora, boa parte dos migrantes passaria primeiro por estas atividades, só depois de um tempo, após a consolidação no lugar, conseguiriam trabalhar em outras áreas (em sua pesquisa até mesmo migrantes com experiência em distintas áreas, acabavam passando/trabalhando na área da construção civil) (ESTRELA, 2002, p. 163-165). Esta situação pode ser observada na fala de João Barbosa, assim como de Raimundo Nonato, que destacou, ao longo de sua entrevista, que independente da “função que ele fazia lá [no Nordeste], aqui era difícil, pelo menos no começo dele [o migrante] fazer a mesma coisa, aqui a maioria ia pra cana” (RAIMUNDO NONATO, 2020).

Esses homens, os safristas, dedicavam suas vidas, quase que de forma exclusiva ao corte da cana, os poucos momentos que podiam fugir deste cotidiano eram durante os finais de semana, através dos bailes de forró. Outro fator que fazia com que estes aliviassem os estresses era através do álcool. João Barbosa relembra, na época em que morou com seus vinte companheiros em um alojamento alugado por seu recrutador,¹⁰ era comum seus

colegas ficarem bêbados, e brigarem entre si, segundo ele o trabalho era extremamente desgastante, e o “beber uma pinga, fazia relaxar, esquecer um pouco as dores, aliviar os machucados do podão, ficar um pouco fora do ar”.

Se por um lado as bebidas alcoólicas ajudavam a “ficar fora do ar”, esquecendo os problemas, dores e exploração, o consumo excessivo provocaria uma série de problemas, como a gastrite e a dependência, em curto prazo, e problemas à longo prazo como cirrose hepática.

Havia pouquíssimos momentos que o trabalhador poderia descansar. As longas jornadas no canavial eram aliadas a precariedade das residências e os abusos por parte dos empregadores. Todos estes fatores, contribuiriam significativamente para o adoecimento dos safristas, deixando marcas nestes migrantes, sejam elas físicas e psicológicas.

Sobre as questões que envolvem o adoecimento físico, Raimundo, ao falar sobre o cotidiano no canavial, lembra com dor das várias vezes que se machucou com o podão. Ao se recordar destes momentos, ele me mostrou as pernas e mãos, evidenciando as várias

Joaquim (município vizinho), contudo, o recrutador não conseguiu uma residência para todos, e teve de leva-los a Orlândia. Na cidade de Orlândia foram deixados no Jardim Santa Rita, região periférica do município, não tinham para onde ir e não sabiam o que fazer, “ficaram jogando nós pra um lado e pro outro igual merda n’água, perdão da palavra”. Foi somente com a entrada de outro recrutador que o problema de seu João e de seus vinte colegas seria resolvido, como nos narra “[...] Cidão [o recrutador] foi um pai e... foi um pai pra nós, ele que pegou as carteiras [de trabalho] nossa, correu para as usinas, que já estava na safra né, foi lá pra botar nós pra poder trabalhar pra nós comer”, foi também Cidão que alugou uma pequena residência com 3 cômodos (quarto, cozinha e banheiro) para hospedar João e seus companheiros.

¹⁰ João Barbosa chegaria em Orlândia no ano 2006, sua chegada em Orlândia foi um tanto conturbada. O recrutador responsável por sua turma, 21 maranhenses, vindos de São Luís, primeiro desembarcariam na cidade de São

cicatrices do período que trabalhou como safrista.

Cortador de cana é difícil não tem um que não tenha uma cicatriz, ó, ó, ó [mostrando as cicatrizes nas pernas], tudo pinicado, na mão, tudo cana, tudo podão, as vezes cortava lá, eles [o empregador] chegava e falava ‘isso ai não é nada não, amarra um negócio ai e pronto e vai trabalhar’, olha rapaz, olha... ficava pensando, a gente é muito humilhado, mas ai voltava trabalhar, pegava a camisa metia o podão aqui e rasgava um tira amarrava ali, as vezes esbugalhava aqui, ficava na carne viva, a gente pegava juntava e amarrava e eles mandava a gente voltar a trabalhar, isso era muita humilhação pra gente, e eles lá “vamo, vamo” (RAIMUNDO NONATO, 2020).

João Barbim¹¹, morador local e farmacêutico, relembra que em sua farmácia, muitos safristas chegavam todos os dias “[...] com uma receitinha, de algum anti-inflamatório, algum analgésico ou antibiótico porque cortou com o podão, ou por que estava com dores musculares, o trabalho era muito cansativo né?”.

Sobre o fragmento anterior, da fala de Raimundo, podemos observar outra dificuldade enfrentada pelos safristas, os abusos de poder por parte dos empregadores. Ao lembrar sobre o trabalho no canavial, relata que os abusos por parte dos empregadores agravavam a saúde dos trabalhadores, em especial devido a excessiva carga horária. Ao ser perguntado sobre o empregador com qual trabalhou, o entrevistado não possui memórias agradáveis sobre ele

[...] as vezes sai de madrugada quando eles pegavam lugar longe, a

¹¹ João Carlos Barbim, 61 anos, paulista, farmacêutico. Entrevista realizada em seu estabelecimento comercial (Drogaria Santa Rita), avenida W, em 04 de fevereiro de 2020.

gente sentado ali, prensado um no outro e tinha que dar produção para eles se não, aquele que não desse produção no outro ano perdia a vaga, trabalhava nesse e no outro ano estava dispensado queria nem saber, e os empregador era assim, era um junto com o outro esses tinham contato um com o outro ai um falava ‘vai pega fulano, fulano num presta’ ai já queimava, falava ‘vai pegar esse piaui ai, esse num presta’ esse piaui é ruim de serviço’, ai nego já inventava uma desculpa e dispensava o cara. [...] Olha, muitas vezes, a gente tava socado nesse mundo ai, escurecendo, a gente falava de ir embora, ele [empregador] falava não enquanto vocês não me derem produção não vai embora não, se não queria trabalhar por que não ficou em casa, se não quer o serviço já sabe, a gente era obrigado a trabalhar até no escuro, chegava em casa a mulher preocupada, o que aconteceu? Tinha que produzi, cortar muita cana, já eles [os empregadores] estavam no busão batendo papo, ‘deixa eles trabalhar’ (RAIMUNDO NONATO, 2020).

Sobre esta questão, Danielle Milenne Príncipe Nunes, Marcelo Saturnino da Silva e Rosineide de Lourdes Meira Cordeiro (2016, p. 1133), destacam que,

Aqueles trabalhadores que recusam se sacrificar no altar do progresso representado pelo setor canavieiro, e também aqueles que mesmo buscando não conseguem atender as exigências do setor, acabam sendo vistos como fracassados. Até recentemente era comum, no espaço do trabalho, os trabalhadores receberem títulos como “podão de ouro” (os trabalhadores mais produtivos) e “podão de borracha” (os menos produtivos). Estes frequentemente eram motivo de chacotas entre seus companheiros, além de serem desvalorizados por fiscais e recrutadores de turma e

terem seus nomes inscritos nas listas negras das usinas, marcados pela “pouca produção” para serem descartados nas safras futuras

João Barbosa, ao lembrar sobre os três anos que trabalhou no corte da cana também comenta sobre a exploração.

[...] o que me deixou mais chateado sobre a cana, foi que, quando eu cheguei aqui e a gente foi cortar uma cana aqui pelos lados de batatais, ai eu falei pro cara assim, o dia que o cara foi medir, nós fomos começar, o primeiro corte, ai ele deixou um pedaço pra mim daqui nos tambor [de lixo] ali, ai eu falei assim pra ele, ele disse que aquele trecho era meu, dava cinco rua, cinco fileira de cana, ai eu achando que tava abafando, eu falei que daqui a pouco eu cortava aquilo todinho, ai eu perguntei quanto que dava tudo aquilo em dinheiro, ai ele falou pra mim se eu cortasse, e isso era cana deitada Bruno, ele disse seu cortasse toda aquilo ia dar quatro reais, eu disse “”, rapaz quando ele falou isso, eu disse meu deus do céu o que que eu vim fazer aqui, eu falei minha família vai morrer de fome, ai que e não dormi direito, era dez centavos o metro (JOÃO BARBOSA, 2020).

As explorações nos canaviais acarretaram em uma série de problemas, em especial na saúde destes trabalhadores. Contudo, sempre que o corte da cana é mencionado, suas memórias remontam a duas questões, por um lado a dor, o sofrimento, os problemas de saúde e, por outro, os ganhos financeiros. Sobre isto, o título da obra de Rogério Júnior (2016), *A gente leva o dinheiro, mas fica o couro*, faz todo o sentido.

Foi através do corte da cana que Raimundo comprou sua primeira casa na cidade, também foi com a cana que João Barbosa e o pai de Manoel conseguiram trazer suas famílias para Orlândia, a cana possibilitou os tios de Tays Coelho

ajudarem sua família. Os ganhos com a cana ajudaram as famílias dos migrantes no Nordeste, bem como permitiu que os migrantes na cidade adquirissem diversos bens – como, por exemplo, carros, casas e eletrodomésticos. Em contrapartida, os custos para isso em saúde fazem refletir se compensou.

Maria Dalva¹², ao falar sobre isto, sintetizou

[...] teve nego ai ó que teve duas três casa cortando cana, por causa do podão, tem casa de aluguel, tem tudo, só que também vive um homem doente, aposentado, acabou com a coluna, mas ele tem as casa dele, agora ele vive da aposentadoria e do aluguel das casas e tem a casa dele mora, tudo foi cortando cana, mas ta acabado...

Estas casas, eram construídas no intuito de se alugar para futuros migrantes que chegassem à cidade e muitas estavam localizadas nas zonas periféricas de Orlândia - a região leste, bairros Jardim Santa Rita e Conjunto Habitacional José Vieira Brasão e região oeste, a “Vilinha”, bairros São João, Júlio Bucci e Jardim São Francisco.

Entre os nordestinos que “teve duas três casas” através dos ganhos a partir da cana, foi o senhor Francisco Chagas de Araújo¹³, que chegou ao município de Orlândia em 1984. Ele destaca que trabalhou no corte da cana por volta de três anos, e, após abrir uma vaga para trabalhar na usina, se candidatou e foi contratado. Permanecendo neste espaço, por volta de 20 anos, até se aposentar.

¹² Maria Dalva dos Santos Borges, 62 anos, costureira, natural de Novo Oriente-PI. Entrevista realizada em sua residência, avenida Y, em 17 de fevereiro de 2020.

¹³ Francisco Chagas de Araújo, 65 anos, aposentado, natural de Aroazes-PI. Entrevista realizada em sua residência, Bairro Jardim Teixeira, em 20 de março de 2020.

Segundo o migrante, o trabalho dentro da usina, não era tão pesado quanto nos canaviais, contudo a carga horária, turnos de 12 horas trabalhadas e folga de 12 horas, eram tão desgastantes como o cortar cana, o migrante relata que por muitas vezes o turno ultrapassou as 12 horas, chegando até mesmo a 16 horas trabalhadas diariamente. Francisco destaca que nas usinas o salário era melhor, e através deste salário, conseguiu comprar sua primeira casa no município, assim como outros bens materiais.

Foi a partir do trabalho na usina, que o migrante conseguiu aos poucos “ir guardando um dinheirinho”, e partindo destas economias, passou a investir na compra de casas na periferia para alugar. As suas casas, eram alugadas por migrantes nordestinos, especialmente por empreiteiros/recrutadores, para alojar os safristas/volantes, durante o período da safra.

Os relatos aqui apresentados evidenciam que estes trabalhadores, entre os anos de 1980-2010, encontravam-se muitas vezes em situação “análogas à escravidão”. Onde eram submetidos a intensas jornadas de trabalho que causavam grandes sofrimentos físicos, e, geralmente, os mesmos encontravam-se em condições degradantes.

Suas narrativas se entrecruzam em um emaranhado que questões individuais e ao mesmo tempo coletivas. Narrar/falar sobre suas trajetórias em Orlândia, sobretudo, sobre o trabalho, é evocar questões que se ligam seja aos ganhos como as perdas.

A proposta deste texto foi de evidenciar as condições enfrentadas por migrantes nordestinos, sobretudo os safristas, no contexto da região do “mar de cana”, evidenciando assim um lado ignorado do “progresso” causado pelo avanço da cana de açúcar no interior paulista.

Raimundo, João, Manoel (marido de Maria Dalva), o pai de Manoel e os tios de Tays, são sujeitos os quais saíram da região Nordeste em busca de trabalho e melhores condições de vida, contudo, mesmo encontrando nesta nova região o que lhes faltava em sua terra natal, os primeiros anos destes sujeitos foram marcados pela desenfreada exploração nos canaviais.

Se a vida nos canaviais possuía complexidade, na cidade de Orlândia, no seu cotidiano urbano, isto não foi diferente. Os migrantes nordestinos que optaram por ficar na cidade de Orlândia, como é evidenciado em alguns estudos exploratórios¹⁴, sofreram com um intenso processo de estigmatização, que corroborou significativamente, para que estes migrantes, tivessem pouquíssimas possibilidades de trabalho fora dos canaviais.

Considerações finais

O presente artigo propôs realizar uma reflexão acerca da migração nordestina para a região do chamado “mar de cana”, região metropolitana de Ribeirão Preto, em especial, dedicamos atenção aos migrantes no município de Orlândia.

A partir da narrativa de alguns migrantes, buscamos analisar e problematizar aspectos acerca do trabalho nos canaviais, as relações de tensão entre trabalhadores e empreiteiros, o corte da cana e suas implicações a saúde dos cortadores (física e mental), assim como demos atenção a aspectos do cotidiano migrante fora dos canaviais, em especial destacando suas vivências com os espaços de moradia (suas residências).

Nossa proposta partiu da análise das narrativas destes sujeitos, evidenciando que seu dia a dia, em especial o cotidiano

¹⁴ Sobre os estudos exploratórios destacamos: PEREIRA; LOURENÇO, 2018; PEREIRA; VAZ, 2019; PEREIRA, 2020.

de trabalho, foi marcado por uma série de dificuldades. Suas narrativas, que remontam memórias de dor e sofrimento físico e mental, bem como aos lucros obtidos através deste trabalho. Salientamos ainda que, mesmo que estas memórias sejam individuais elas remontam a processos mais amplos, evidenciando questões que afetavam a estes sujeitos, suas famílias, amigos e companheiros de trabalho.

Atualmente, os estudos sobre estas questões, apresentadas ao longo do texto, com certa atenção para as questões que envolvem o trabalho de migrantes nos canaviais, é tema recorrente em estudos das áreas da saúde e das ciências sociais, contudo, pouco explorado nos estudos historiográficos.

Assim, o presente artigo pode ser considerado enquanto um estudo exploratório. Ainda existe um longo caminho a ser percorrido para os estudos historiográficos, em especial no que se refere a ampliação de estudos sobre outras cidades do “mar de cana” (e para além dele), que possibilitem construir questões mais gerais e ao mesmo tempo dar destaque as especificidades, as trajetórias e narrativas de outros migrantes.

Da mesma forma, destacamos que mesmo a temática da migração/imigração ser um tema tradicional nos estudos de História, tal temática está longe de se esgotar. Existe um amplo leque de questões a serem discutidas por este campo do saber.

Referências

ABREU, Dirce de; MORAES, Luiz Antônio de, NASCIMENTO, Edinalva Neves; OLIVEIRA, Rita Aparecida de. A produção da cana-de-açúcar no Brasil e a saúde do trabalhador rural. **Revista Brasileira de Medicina do Trabalho**, v. 09, n. 02, 2011, p. 49-61. Disponível em

<https://www.rbmt.org.br/how-to-cite/87/pt-BR>.

Acessado em: 25 de maio/2020.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia**. São Paulo: Cortez, 2012.

ALESSI, Neiry Primo.; SCOPINHO, Rosemeire A. A saúde do trabalhador do corte de cana-de-açúcar. In: ALESSI, Neiry Primo. **Saúde e trabalho no Sistema Único de Saúde**. São Paulo: Hucitec, 1994. p. 121-151.

ALVES, Francisco. Porque morrem os cortadores de cana? **Saúde e Sociedade**, v. 15, n. 03, 2006, p. 90-98. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902006000300008>. Acessado em: 25 de maio/2020.

BAENIGER, Rosana Baeninger. São Paulo no contexto dos movimentos migratórios interestaduais. In: _____. **Regiões, metrópole e interior: espaços ganhadores e espaços perdedores nas migrações recentes – Brasil 1980-1996**. Tese (Doutorado em Sociologia), Campinas: Universidade de Estadual de Campinas – UNICAMP, 2002. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/280774>. Acessado em: 13 de maio/2020.

COSTA, Maria Luiza dos Santos. **A migração piauiense e as atividades sucroalcooleiras em Morro Agudo (SP)**. Dissertação (Mestrado em Geografia), Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia - UFU, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/16103>. Acessado em: 15 de maio/2020.

ESTRELA, Ely Souza. **Os sampauleiros: cotidiano e representação**. São Paulo: Humanitas/Educ, 2003.

FONTES, Paulo Roberto. **Comunidade operária, migração nordestina e lutas sociais: São Miguel Paulista (1945-1966)**. Tese (Doutorado em História), Campinas: Universidade de Estadual de Campinas – UNICAMP, 2002. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/280752>. Acessado em: 13 de maio/2020.

GALIANO, André de Mello. **Trabalho e migração: estudo com jovens trabalhadores no corte da cana-de-açúcar na região de Ribeirão Preto – SP**. Dissertação (Mestrado em Ciências, área de concentração: Psicologia), Ribeirão Preto: Universidade de São Paulo – USP, 2010. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde>

[-08112013-143908/pt-br.php](#). Acessado em: 15 de maio/2020.

GALIANO, André de Mello; VETTORASSI, Andréa; NAVARRO, Vera Lúcia. Trabalho, saúde e migração nos canaviais da região de Ribeirão Preto (SP), Brasil: o que percebem e sentem os jovens trabalhadores? **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 37, n. 125, 2012, p. 51-64. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0303-76572012000100009>. Acessado em: 20 de maio/2020.

MORAES, Maria Silva de; PRIULI, Roseana Mara Aredes. Migração e Saúde: os trabalhadores do corte da cana de açúcar. **Revista Interdisciplina de Mobilidade Humana - REMHU**, a, 09, n. 37, 2011. p. 231-245. Disponível em: <http://remhu.csem.org.br/index.php/remhu/article/view/285>. Acessado em: 25 de maio/2020.

NUNES, Danielle Milenne Príncipe; SILVA, Marcelo Saturino da; CORDEIRO, Rosineide de Lourdes Meira. A experiência de trabalho e dos riscos entre os trabalhadores-migrantes nordestinos nos canaviais paulistas. **Saúde e Sociedade**, v. 25, n. 04, 2016, p. 1122-1132. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-12902016145485>. Acessado em: 20 de maio/2020.

NOVAES, José Roberto; ALVES, Francisco. **Migrantes: trabalho e trabalhadores no complexo agroindustrial canavieiro (os heróis do agronegócio brasileiro)**. São Carlos: EdUFSCar, 2007.

OJIMA, Ricardo; FUSCO, Wilson. **Migrações nordestinas no século 21: um panorama recente**. São Paulo: Ed. Edgard Blücher, 2015, p.11-26.

PEREIRA, Bruno César; LOURENÇO, Alexandra. "Não vejo eles como diferentes, só não vejo aqui como o lugar deles": Análise do poder simbólico presente nas relações sociais entre estabelecidos e outsiders em Orlândia-SP. **Cidades, Comunidades e Territórios (Portugal)**, v. 36, 2018, p. 56-67. Disponível em: http://scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2182-30302018000100005. Acessado em: 14 de novembro/2019.

PEREIRA, Bruno César; VAZ, Vania. "Violência, desordem e bebedeiras": a construção da imagem do clube Forróândia no município de Orlândia-SP (2000-2010). In: SILVESTRE,

Luciana Pavowski Franco. **Estado e Sociedade frente às Questões Sociais**. Ponta Grossa: Atena Editora, 2019, p. 35-45. Disponível em: <https://doi.org/10.22533/at.ed.0141921114>. Acessado em: 14 de novembro/2019.

PEREIRA, Bruno César. Periferia, migração e cotidiano: notas acerca da inserção de migrantes nordestinos em um pequeno município paulista (1990-2010). **Revista de História UEG**, v. 09, n. 01, 2020, p. 1-10. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revistahistoria/article/view/9755>. Acessado em: 22 de julho/2020.

PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os Fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**, v. 01, n. 02, 1996, p. 59-72. Disponível em: https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/819739/mod_resource/content/1/PORTELLI%2C%20Alessandro%20%20E2%80%93%20A%20Filosofia%20e%20os%20fatos.pdf. Acessado em: 21 de julho/2020.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, v. 14, 1997, p. 25-39. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/11233>. Acessado em: 21 de julho/2020.

ROGÉRIO JÚNIOR, Teodorio. "A gente leva o dinheiro, mas fica o couro": a vida e a lida de camponeses piauiense após o trabalho no corte de cana em agroindústrias brasileiras. Jundiá: Paco Editorial, 2016.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Trabalho e trabalhadores na região do "mar de cana e do rio de álcool". **Agrária**, n. 02, 2005, p. 2-39. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1808-1150.v0i2p2-39>. Acessado em: 15 de maio/2020.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. A morte ronda os canaviais paulistas. **Revista da Associação Brasileira de Reforma Agrária**, v. 33, n. 02, 2006, p. 111-144. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=hemerolt&pagfis=13554>. Acessado em: 25 de maio/2020.

Recebido em 2020-09-10
Publicado em 2021-09-01